

*Três peças
em cartaz,
duas estão
no seu
último dia*

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA (hoje, último dia, às 19h30m e 21h30m, no Teatro Carlos Gomes. Preços da primeira sessão: Cr\$ 60,00, inteira; Cr\$ 30,00 estudante e Cr\$ 300,00 camarote. Da segunda: Cr\$ 80,00, inteira; Cr\$ 40,00, estudante e Cr\$ 400,00, camarote) — Peça de Plínio Marcos. Direção geral de Oswaldo Loureiro. Direção de cena de Cláudio André e Antônio Carlos Rodrigues. Elenco: Oswaldo Loureiro e Erico Vidal.

O autor da peça, Plínio Marcos, escreveu o seguinte no programa do espetáculo: "Quando escrevi esta peça eu me lembro da história de dois palhaque trabalhavam assim: um avia para o outro fazer a piada. Eu, Paco era engraçado, a platéia morria de rir para ao final compreender todo o problema. Mas sob o impacto da peça, ficou impossível comparar uma montagem com as outras. Em 1966, na primeira montagem, no Bar Ponto de Encontro, em São Paulo, eu trabalhei porque encontrei ator para fazer personagem. A maior consagração da minha vida — e acho que poucos atores tiveram uma igual — foi quando eu fiz o espetáculo em Santos, em 1969, para duzentas pessoas. O público sabia que a polícia esperava lá fora para me prender e então aplaudiu todas as frases que eu falava. Evidentemente fiz o espetáculo chorando, emocionado de ver toda aquela gente comigo e no final, quando saí, o mesmo público fez uma barreira e começou a operação autógrafo para impedir a chegada da polícia. Aí o policial disse — é melhor você vá logo que não vai dar para fugir de Santos. Foi a última apresentação da peça, de 1966 a 1969, e eu tenho certeza de que ela não teria saído de cartaz. Eu não posso dizer se esta é a melhor peça ou não porque minha vida ficou tão tumultuada que nunca parei para fazer este tipo de avaliação. Mas posso dizer que



Erico e Oswaldo em Dois Perdidos...

está é minha peça mais querida. A cultura é um processo em movimento, tudo pode ser superado, mas a bem da verdade pelo menos duas gerações que estão aí não conhecem Plínio Marcos. Quem firma a ideologia do teatro é o dramaturgo, mas o artista do Teatro é o ator. Na arte desse é que repousa todo o encantamento, toda a magia e a imortalidade da arte cênica. Quero dizer que este texto que vai subir em cena e esta estréia me deixam muito emocionado porém não perdi a consciência e sei que o Teatro Brasileiro não faz sentido hoje porque o teatro só faz sentido quando o palco é uma tribuna livre onde se pode discutir até as últimas consequências os problemas da humanidade".

ANTIGONA (às 21 horas, último dia, no Teatro da Sociedade de Cultura Artística de Vitória, avenida Beira Mar, ao lado do Colégio Salesiano, no ponto final do ônibus para Vila Velha. Preço único Cr\$ 10,00) — Peça de Sófocles, versão de Leon Chancerel. Produção e direção de Luiz Tadeu Teixeira. Iluminação de Michel Bongiovanni. Elenco: Luiz Tadeu Teixeira, Alcione Dias, Márcia Gaudio, Vicente Fantini, Roberto Rocha, Bob de Paula, Vera Viana, Carlos Roberto Claudino, Antônio Scota, Francisco Israel, Adauto Vivaldi.

A montagem da tragédia grega de Sófocles representa, no panorama teatral capixaba, uma

nova e elogiável experiência. A encenação de um espaço novo, embora o Teatro da SCAV não tenha sido ainda devidamente inaugurado, é bastante aproveitada pelo grupo, que oferece uma encenação envolvente e cheia de emoção. A experiência do público começa com a visão do próprio prédio, em condições precárias de instalação, sem a pompa do Carlos Gomes, continua dentro do teatro, quando os espectadores assistem aos exercícios dos atores para entrar em cena, até à pronúncia da palavra Tebas, cidade onde se passará a história. Além dos personagens principais, existem os cidadãos de Tebas, que se encarregam de resumir para o público tudo que aconteceu até o ponto em que a ação começa. Surge então Antígona, falando de um cadáver insepulto. A encenação busca a utilização do espaço anticonvencional de forma bem orientada, a iluminação cria uma ambientação especial e o elenco comporta-se com empenho e seriedade. O resultado geral do espetáculo é fruto de um longo e paciente trabalho, que vem sendo feito desde o início do ano e foi beneficiado pelo adiamento sucessivo da estréia da peça. Não deixe de ver.

ABRE A JANELA E DEIXA ENTRAR O AR PURO E O SOL DA MANHÃ (às 21 horas, e até o dia 25, menos amanhã, no Teatro-Estúdio, 10º andar do edifício das Fundações, ao lado da



Luiz Tadeu em Antígona: último dia

Assembléia Legislativa, Cidade Alta. Preço único: Cr\$ 10,00). Peça de Antônio Bivar. Direção, cenografia e adaptação musical de Marien Calixte. Adaptação cênica: Milson Henriques. Produtor: Mariangela Pellerano. Sonoplastia de Luiz Palma. Contra-regra: Gildo Loyola. Elenco: Milson Henriques, Mariangela Pellerano e Vitorina Gonçalves. Patrocínio do SNT.

Lançada em setembro no Carlos Gomes, esta montagem do texto do autor de **Alzira Power, Longe Daqui Aqui Mesmo, Gente Fina é Outra Coisa e O Quarteto** sofreu uma adaptação para o limitado espaço do Teatro-Estúdio, realizada por um dos atores e até o dia 25 estará cumprindo a série de apresentações exigidas pelo patrocínio de 20 mil do Serviço Nacional de Teatro. A peça coloca duas mulheres numa cela de presídio, num dia, em época e local indeterminados. Heloísa, de educação burguesa, tem todas as características de uma mulher que aprendeu a valorizar o desnecessário e o artificial, tendo seu comportamento na cela marcado pelo absoluto contraste com Genete, ex-intellectual de credo autêntico e sensível, condenadas sem esperanças de absolvição as duas passam os dias fazendo flores para vender e trocando experiências vividas. Na construção desses dois personagens, o autor coloca em questão valores humanos.